

Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências 2

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

Comunicação e Jornalismo:
Conceitos e Tendências 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Thaís Helena Ferreira Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-027-8
DOI 10.22533/at.ed.278190901

1. Comunicação social. 2. Democratização da mídia.
3. Jornalismo. I. Ferreira Neto, Thaís Helena. II. Série.

CDD 303.4833

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências” volume 2 é composta por 24 artigos que abordam temas das mais diferentes nuances da Comunicação.

Os autores dos artigos tematizam conceitos e perspectivas do jornalismo, dando enfoque às discussões pertinentes e sempre presentes, envolvendo gênero, *agenda-setting*, comunicação governamental, ambiental, assessoria de imprensa, cinema, política, democratização da mídia e construção midiática.

Alguns artigos tratam o gênero como categoria de análise, tematizando a mulher dentro do jornalismo. Estudos de gênero que abordam a questão no âmbito da causa e da estrutura.

Em sua história, a mulher busca posições e visibilidade nas diferentes escalas da sociedade, provando através de suas ações e conquistas que merece um lugar nos diferentes cenários, sejam econômicos, políticos ou sociais. A relação da mulher com o espaço público e privado define a posição ocupada por ela na sociedade e marca sua identidade de gênero ao longo do tempo.

Thaís Helena Ferreira Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
A MULHER NO JORNALISMO DO INTERIOR: RIBEIRÃO PRETO E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (1950-1960)	
Nayara Kobori Aline Ferreira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.2781909011	
CAPÍTULO 2	20
A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DAS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO NO BRASIL: ASSASSINATOS DE MULHERES COMETIDOS POR SEUS PARCEIROS E EX-PARCEIROS	
Cláudia Regina Lemes Paulo Roxo Barja	
DOI 10.22533/at.ed.2781909012	
CAPÍTULO 3	31
A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NAS PROPAGANDAS DA CERVEJA ANTARCTICA: BAR DA BOA	
Wender Rodrigues de Siqueira Munique Cristina Modesto Carla Mendonça de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2781909013	
CAPÍTULO 4	42
EMPODERAMENTO FEMININO NO RAP : DUAS LETRAS	
Cláudia Regina Lemes Paulo Roxo Barja	
DOI 10.22533/at.ed.2781909014	
CAPÍTULO 5	55
OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS SOBRE O USO DO CORPO NU FEMININO EM PERFORMANCES ATIVISTAS	
Márcia Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.2781909015	
CAPÍTULO 6	66
AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA – A ONG UNA.C E AS DEMANDAS DA SAÚDE	
Éllida Neiva Guedes Marcelo Pereira da Silva Protásio César dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2781909016	
CAPÍTULO 7	81
TRAGÉDIA EM MARIANA-MG EM VEJA E CARTACAPITAL: UM CONTRATO DE COMUNICAÇÃO	
Vinicius Suzigan Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.2781909017	

CAPÍTULO 8	94
ASSESSORIA DE IMPRENSA E REPORTAGEM DE TV, TUDO A VER?	
BREVES REFLEXÕES SOBRE PODER SIMBÓLICO, CAMPO JORNALÍSTICO, IDENTIDADES E AGENDAMENTO	
Boanerges Balbino Lopes Filho Iara Marques do Nascimento Raphael Silva Souza Oliveira Carvalho Cássia Vale Lara	
DOI 10.22533/at.ed.2781909018	
CAPÍTULO 9	106
CARACTERIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO IDOSA ACERCA DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE EM ILPIS DA CIDADE E REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE –PE	
Tamires Carolina Marques Fabrício Joseana Maria Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.2781909019	
CAPÍTULO 10	120
COMUNICAÇÃO EM AMBIENTES GOVERNAMENTAIS: TERMINOLOGIAS, FERRAMENTAS E AÇÕES	
Pedro Augusto Farnese de Lima Ademir Antônio Veroneze Júnior Boanerges Balbino Lopes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.27819090110	
CAPÍTULO 11	132
CONCEITO DE NOTÍCIA NA ERA DO JORNALISMO COLABORATIVO E COAUTORIA	
Adriele Cristina Rodrigues Lucia Helena Vendrusculo Possari	
DOI 10.22533/at.ed.27819090111	
CAPÍTULO 12	141
DO ACONTECIMENTO PÚBLICO AO ESPETÁCULO POLÍTICO-MIDIÁTICO: O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF	
Andressa Costa Prates Rejane de Oliveira Pozobon	
DOI 10.22533/at.ed.27819090112	
CAPÍTULO 13	152
O POLITICAMENTE (IN)CORRETO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: IMAGINÁRIO, SUBJETIVIDADE E CONSUMO	
Nara Lya Cabral Scabin	
DOI 10.22533/at.ed.27819090113	
CAPÍTULO 14	164
O ÁLBUM DE FAMÍLIA E A IMAGEM SOCIAL	
Aline Silva Okumura	
DOI 10.22533/at.ed.27819090114	

CAPÍTULO 15	173
O DESIGNO DO PODER: UM ESTUDO DE CASO DA RÁDIO INTERNACIONAL VOZ DA AMÉRICA	
Patrícia Weber	
DOI 10.22533/at.ed.27819090115	
CAPÍTULO 16	186
O JORNALISMO INVESTIGATIVO E ÀS MUTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	
Leoní Serpa	
DOI 10.22533/at.ed.27819090116	
CAPÍTULO 17	207
O MERCADO DOS BENS SIMBÓLICOS NO SANTUÁRIO DE SANTA PAULINA	
Maria Neusa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.27819090117	
CAPÍTULO 18	219
A SEGUNDA TELA NO BRASIL: USOS E POSSIBILIDADES	
Gleice Bernardini	
Maria Cristina Gobbi	
DOI 10.22533/at.ed.27819090118	
CAPÍTULO 19	231
TELEVISÃO ABERTA, POLÍTICAS E DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA NO BRASIL	
Carlos Henrique Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.27819090119	
CAPÍTULO 20	242
CINEMA <i>NOIR</i> ITALIANO: O HEDONISMO E A <i>FEMME FATALE</i> EM <i>OSSESSIONE</i>	
Alexandre Rossato Augusti	
DOI 10.22533/at.ed.27819090120	
CAPÍTULO 21	258
O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE A TEMÁTICA DO CRIME NO CINEMA <i>NOIR</i> E <i>NEONAIR</i>	
Nathalia Lopes da Silva	
Alexandre Rossato Augusti	
DOI 10.22533/at.ed.27819090121	
CAPÍTULO 22	273
PESQUISA EM FICÇÃO SERIADA: UMA PROPOSTA DE REVISÃO EPISTEMOLÓGICA BASEADA NAS PUBLICAÇÕES DA INTERCOM	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.27819090122	
CAPÍTULO 23	286
QUESTÕES DE AUTORIA, SUBALTERNIDADE E OUTRAMENTO NA MÚSICA BEIJINHO NO OMBRO	
Juliana Figueiró Ramiro	
Renata Santos de Morales	
DOI 10.22533/at.ed.27819090123	

CAPÍTULO 24 300

THE LAST REMAINING LIGHT: O SUICÍDIO DE CHRIS CORNELL ATRAVÉS DA ÓTICA DO FAIT
DIVERS

Arthur Freire Simões Pires

Fábio Cruz

DOI 10.22533/at.ed.27819090124

SOBRE A ORGANIZADORA..... 314

A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DAS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO NO BRASIL: ASSASSINATOS DE MULHERES COMETIDOS POR SEUS PARCEIROS E EX-PARCEIROS

Cláudia Regina Lemes

Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo (SEEESP) – São Paulo – SP

Paulo Roxo Barja

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP),
Instituto de Pesquisa & Desenvolvimento (IP&D) –
São José dos Campos – SP

RESUMO: O feminicídio – morte de uma mulher motivada por sua condição de sexo feminino – é um fenômeno social alarmante no Brasil, pela quantidade de ocorrências, predominando as agressões cometidas por parceiros (ou ex-parceiros) afetivos. No entanto, a grande maioria dos casos de feminicídio é ignorada pela mídia. O presente estudo teve por objetivo selecionar e analisar casos de feminicídio que tornaram-se icônicos no Brasil justamente pela ampla exposição midiática. Partiu-se da pesquisa de notícias de casos de feminicídio praticados por parceiros e veiculados pela mídia nacional no período entre (19)76 e 2016. Buscou-se identificar, entre as vítimas, a existência de padrões que podem ter contribuído para que estes casos específicos ganhassem destaque na mídia, em detrimento de tantos outros crimes semelhantes que ocorrem diariamente e seguem invisibilizados. Procurou-se analisar as semelhanças entre as vítimas, no que diz respeito a padrões imagéticos e valores sociais,

conforme a lógica da indústria cultural, da mídia e do capital que valoriza o progresso tecnológico em detrimento do desenvolvimento humano, denúncia feita pela escola de Frankfurt, que fundamenta teoricamente este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: feminicídio; mercantilização; mídia; mulher; violência.

ABSTRACT: Femicide - the death of a woman motivated by her female status - is an alarming social phenomenon in Brazil, due to the number of occurrences, with aggressions committed by affective partners (or ex-partners) predominating. However, the vast majority of cases of femicide are still ignored by the media. The present study aimed to select and analyze cases of femicide that became iconic in Brazil precisely due to the wide media exposure. The selection was based on the research of news of cases of femicide practiced by partners and transmitted by the Brazilian media in the period between (19)76 and 2016. We sought to identify among the victims the existence of patterns that may have contributed to the fact that these specific cases gain prominence in the media, to the detriment of so many other similar crimes that occur daily and remain invisible. We sought to analyze the similarities among the victims, in terms of image patterns and social values, according to the logic of the cultural industry, the media and the capital that values technological

progress to the detriment of human development, denunciation made by the Frankfurt school, which theoretically bases this work.

KEYWORDS: feminicide; commodification; media; woman; violence.

1 | INTRODUÇÃO

A visão social de mundo predominante na atualidade foi construída de modo a privilegiar a voz masculina, pois trata-se de uma visão construída por homens – sendo reproduzida tanto por homens como por mulheres. São majoritariamente homens que decidem – inclusive juridicamente – sobre questões como a legalização do aborto, a duração da licença maternidade após a gestação, quais as atitudes desejáveis para as mulheres tanto na vida pública quanto na vida privada e outros temas que dizem respeito à mulher. Mesmo com a crescente presença feminina atuante em diferentes esferas da sociedade, a mulher ainda é muitas vezes levada a endossar pontos de vista masculinos (conscientemente ou não). Essa dominação masculina é secular e cultural, como veremos a seguir.

O feminicídio – morte de uma mulher motivada por sua condição de sexo feminino – é um fenômeno social alarmante pela quantidade de ocorrências em território brasileiro, com predominância para as agressões cometidas por parceiros (ou ex-parceiros) afetivos das vítimas. No entanto, a grande maioria dos casos de feminicídio ainda é ignorada pela mídia. O presente estudo teve por objetivo selecionar e analisar casos de feminicídio que tornaram-se icônicos no Brasil justamente pela ampla exposição midiática. Partiu-se de casos praticados por parceiros e veiculados pela mídia nacional entre (19)76 e 2016. Buscou-se identificar, entre as vítimas, a existência de padrões que podem ter contribuído para que estes casos específicos ganhassem destaque midiático, em detrimento de outros crimes semelhantes que ocorrem diariamente e seguem invisibilizados na mídia. Procurou-se analisar as semelhanças entre estas vítimas, no que diz respeito a padrões imagéticos e valores sociais, conforme a lógica da indústria cultural, da mídia e, em última análise, do capital, que valoriza o progresso tecnológico em detrimento do desenvolvimento humano.

2 | CONTEXTO HISTÓRICO E GLOBAL

No passado, à medida que a sociedade foi abandonando o nomadismo e surgiu a noção de lar, a mulher passou a ser confinada ao lar enquanto o homem manteve liberdade para ocupar o espaço público, participar de atividades políticas e de atividades que geravam riquezas. Neste contexto, o homem passou a ser mais valorizado em relação à mulher, que se restringia aos afazeres domésticos (ainda que houvesse exceções).

Na sociedade feudal, o espaço de circulação da mulher era essencialmente a

casa paterna, a casa do marido ou as igrejas e conventos. As ideias que reforçavam as condições impostas às mulheres vinham em grande medida do arcabouço teórico judaico-cristão de que a mulher foi feita a partir de uma parte do homem. O homem seria, neste sentido, a imagem e semelhança de Deus e a mulher o receptáculo do pecado original:

[...] Eva é um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, pelo que é necessário submetê-la à tutela masculina. Ao ser a primeira mulher, Eva passa a projetar sua carga de pecadora sobre a existência feminina. E embora ela tenha sido criada a partir do homem - e por isto seja parte integral da essência humana - ela representa a parte vulnerável deste. Ela é a responsável pela perda do Paraíso. (NASCIMENTO, 1997, p.86)

Ideias misóginas eram difundidas pela igreja e pela sociedade medieval de modo a justificar discriminações contra as mulheres. Mitos e crendices populares relacionavam a menstruação à corrupção moral, destruição e pragas para motivar exclusão feminina nas funções sociais e impedir a mulher de exercer papéis socialmente valorizados.

O desenvolvimento tecnológico e a globalização, entre outros fatores, trouxeram uma mudança representativa nas formas de relacionamento interpessoais, afetando diretamente as famílias e, conseqüentemente, alterando as relações entre homens e mulheres. A partir da década de 1960 a mulher conquistou o direito do voto, passou a estudar, exercer função remunerada, viajar sem acompanhantes, ocupar a mesa de um restaurante ou bar, ser estar acompanhada. Apesar do valor das conquistas femininas (resultado de muita luta), contribuiu para o aumento do espaço feminino a própria macroestrutura socioeconômica; por exemplo, a condição financeira das famílias, cujo salário do chefe (até então o homem) passou a ser insuficiente para suprir o consumo, intensificado devido a capacidade de produção industrializada que foi se tornando cada vez maior. De toda esta trajetória histórica, depreende-se que a dominação do homem contra a mulher não é natural, mas uma construção cultural da sociedade.

No mundo contemporâneo, a mulher passou a acumular funções e obrigações e sobrevive num ambiente de intensa cobrança dos papéis que lhes são impostos, sob um imaginário idealizado; ainda que na atualidade a mulher ocupe um espaço mais significativo do que no passado, não há como negar que as violências cometidas contra as mulheres por seus parceiros ainda são alarmantes. O próprio discurso midiático constrói um sentido de mulher ideal e, portanto, de vítimas em potencial.

3 | NO BRASIL

Os direitos da mulher não são verdadeiramente respeitados no Brasil, pois ainda vivemos sob a égide de uma sociedade escravocrata, preconceituosa e marcada pela colonização europeia, que carrega a gênese do modelo patriarcal onde era considerada incontestável a autoridade do homem adulto sobre mulheres e crianças. Tal autoridade

deveria ser garantida mesmo com o uso da violência, caso esta fosse considerada necessária.

Levando isto em conta, no contexto atual, a liberdade feminina não é reconhecida, mas tolerada, enquanto seus direitos não entram em conflito com o universo machista, ferindo o papel do macho na sociedade. Observe-se que, em 2016, a mídia de massa começa a descrever a então futura primeira-dama Marcela Temer como “bela, recatada e do lar”; isso ocorre ainda antes de consumado o *impeachment* de Dilma Rousseff, primeira e até o momento única mulher a ocupar a Presidência da República. Não é por outra razão que a destituição de Dilma tem sido justamente definida por diversos pesquisadores e ativistas com palavras como “golpe”, “machista”, “patriarcal” e “sexista” (AMORIM *et al.*, 2017; MENICUCCI, 2016; RIBEIRO, 2016).

O extermínio de mulheres por seus parceiros é alarmante, como as estatísticas comprovam:

O 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, lançado nesta segunda-feira 29 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), traz o número de assassinatos de mulheres registrados em 2016: 4657. O número representa uma mulher morta a cada duas horas. [...] Em geral tal crime viceja sob a subnotificação e a invisibilização. Entre os exemplos, estão mortes de mulheres nas mãos de parceiros ou ex-parceiros incapazes de aceitar um término ou a autonomia da mulher. (OLIVEIRA, 2017)

No Brasil, a Lei nº 13.104/2015 alterou o Código Penal incluindo o feminicídio (termo que designa “o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino”, ou seja, em contexto marcado pela violência de gênero) como circunstância qualificadora do crime de homicídio. A pena prevista na lei é de reclusão de 12 a 30 anos. Esta norma legal diz muito sobre nossa sociedade, pois uma lei tende a surgir em resposta à necessidade de se estabelecer controle jurídico sobre algum fenômeno que ocorre na sociedade e que se entende que deve ser coibido. Mesmo assim, o Brasil ainda enfrenta o problema da subnotificação: a partir dos dados apresentados por Oliveira (2017), observa-se que, dos homicídios de mulheres cometidos no Brasil em 2016, apenas 11% foram efetivamente classificados como feminicídios.

4 | FEMINICÍDIO NA MÍDIA BRASILEIRA: SELEÇÃO DE CASOS

A seleção de casos para análise na presente pesquisa utilizou como recorte temporal o período de 40 anos compreendido entre 1976 e 2016. Adotou-se como critério de inclusão os casos de assassinato de vítimas de parceiros (e ex-parceiros) afetivos que ficaram marcados na memória do povo brasileiro, pela exposição midiática. Foram excluídos casos de vítimas vinculadas profissionalmente a veículos de comunicação. A partir dos critérios estabelecidos, pesquisas nos sites de busca da internet permitiram definir quatro casos de feminicídio que foram intensamente explorados pela mídia brasileira encontrando-se entre os mais veiculados. São eles:

i) Ângela Diniz (Figura 1) - *socialite* assassinada em 30 de dezembro de 1976, na cidade de Búzios (RJ), por seu companheiro, Doca Street (O GLOBO, 2016). O crime foi amplamente divulgado nos jornais e na televisão;



Figura 1: Ângela Diniz (Fonte: GUIMARÃES, 2017).

ii) Eloá Cristina Pimentel (Figura 2) - adolescente de 15 anos assassinada a tiros em sua residência em Santo André, em 13 de outubro de 2008, pelo ex-namorado Lindemberg Fernandes Alves (OGGIONI, 2012). O caso foi particularmente chocante, pois os tiros ocorreram após cerca de 100 horas de cárcere privado - em grande parte deste período, a imprensa cobriu o caso. Inclusive com chamadas ao vivo na televisão;



Figura 2. Eloá, estudante de 15 anos assassinada em 2008 (Fonte: JC ONLINE, 2016).

iii) Eliza Samúdio (Figura 3) – modelo assassinada em 2009 pelo namorado, o goleiro Bruno, do Flamengo (G1, 2014). A vítima já havia prestado várias queixas de agressão contra Bruno, relatando ter sido espancada, mantida em cárcere privado e obrigada a tomar substâncias abortivas; ainda assim, apenas em julho de 2010 seu desaparecimento passou a ser tratado como homicídio;



Figura 3. A modelo Eliza Samudio (Fonte: LIMA, 2018).

iv) Mércia Mikie Nakashima (Figura 4) – advogada de 28 anos, assassinada pelo ex-namorado, Mizael, na cidade de Nazaré Paulista (SP), em 23 de maio de 2010 (SERPONE, 2011).



Figura 4. Mércia Mikie Nakashima (Fonte: Último Segundo - iG, 2012).

A partir da seleção efetuada, a análise dos casos foi feita com base no conceito de Indústria Cultural, tal como desenvolvido pela Escola de Frankfurt.

5 | DISCUSSÃO

A observação das imagens da seção anterior evidencia um fato comum a todos os casos de destaque, em relação aos quais a mídia de massa e redes sociais difundiram grande número de imagens. Nestas imagens, destaca-se o perfil das vítimas como mulheres atraentes, alegres e festivas que posavam para imagens de revistas ou das próprias redes sociais.

A lógica da disputa, da apropriação e da dominação geram violência e, em consequência, a opressão por parte daquele que é fisicamente mais forte. São muitos os casos em que as mulheres se encontram na condição de vítimas de seus parceiros e nesta condição são assassinadas. A mercantilização do corpo – em particular, do corpo da mulher – leva a sofrimentos físicos e psicológicos que frequentemente culminam em atos violentos; gera um sistema de hierarquização de pessoas, pressionando e criando sistemas de opressão ao mesmo tempo que reduz a autoestima dos considerados “fora do padrão”.

A recente conquista de espaços muitas vezes tem colocado a mulher, paradoxalmente, em situação de risco social, devido aos mitos e preconceitos que resultam de séculos de relações desiguais de poder entre homem e mulher. Os reflexos deste fenômeno atingem as mulheres, retirando-lhes a liberdade, causando medo e insegurança. A violência sofrida pela mulher não se restringe a raça, religião ou idade, podendo acontecer em qualquer ambiente. Na maioria das vezes, as vítimas estão ligadas emocional e afetivamente ao agressor.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que, a cada cinco mulheres, três já sofreram violência em relacionamentos afetivos. Segundo o IPEA, entre 2001 a 2011 houve uma ocorrência de mais de 50 mil feminicídios, o

que resulta, em média, em 5664 mortes por ano, 472 por mês, entre 15 e 16 mortes por dia – em resumo, aproximadamente uma morte a cada 90 minutos. No entanto, a grande maioria dos casos permanece invisível para a mídia, enquanto casos específicos tornam-se ícones, sendo insistentemente veiculados nas diversas fontes comunicacionais. A pergunta que se coloca é: afinal, por que isso ocorre?

Referindo-se à Indústria Cultural, Adorno (1996) defende que existem padrões e estereótipos produzidos pelo mercado cultural em que os “chefes da cultura” estabelecem quem será notícia de acordo com as suas próprias intenções mercantis e levando em conta as semelhanças, gostos, atitudes e padrões de seu público, como se “um poder onipresente houvesse examinado o material e estabelecido o catálogo oficial dos bens culturais” (ADORNO, 1996, p.6). Observa-se atualmente que os veículos midiáticos atuam no sentido de uma construção muitas vezes sensacionalista das vítimas de parceiros violentos – uma construção que não ajuda a conscientizar sobre a realidade do feminicídio. Mas a situação é ainda mais grave quando se leva em conta que a cobertura midiática por vezes abre espaço para matérias que chegam perto de idolatrar – por mais chocante que possa parecer – os autores dos crimes. A esse respeito, observe-se o caso do assassino de Eliza, o goleiro Bruno, que em 2017 chegou a sair da cadeia e assinar contrato para voltar ao futebol. Muitas matérias na época deram destaque ao jogador:

Várias mulheres, inclusive levando crianças, foram à portaria do local para tentar ver de perto a mais nova ‘estrela’ da Coruja. [...] Algumas admiradoras pediram para tirar fotos com o goleiro e fizeram questão de conseguir um autógrafo com o jogador. Bruno faz nesta tarde o primeiro treino oficial pelo Boa Esporte, time que disputa o Módulo II do Campeonato Mineiro e, a partir de maio, a Série B do Brasileirão. (ANDRÉ, 2017)

A maioria das matérias sobre o tema na época não se referia ao jogador como culpado; o crime era chamado apenas de “caso Samudio” e a negativa do goleiro a responder perguntas sobre Eliza dava origem a textos como “não quis fazer nenhum comentário sobre a morte da ex-amante Eliza Samudio” (ANDRÉ, 2017).

Criticando a indústria cultural, Adorno (1996) já afirmava que tudo o que surge é submetido a um estigma tão profundo que chega ao ponto em que, tudo traz antecipadamente as marcas de um jargão sabido, aprovado e reconhecido como padrão. Nada é produzido sem que se passe pela seleção da indústria cultural que delimitará o que será notícia e o que será reduzido ao silêncio:

É este o ideal da naturalidade em cada ramo, que se afirma tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a imagem e a vida cotidiana. Percebe-se o paradoxo da *routine*, disfarçada em natureza, em todas as manifestações da indústria cultural, e em muitas ela se deixa apalpar. (ADORNO, 1996, p.12)

O próprio Adorno compara a estilização da cultura e a tentativa de naturalização dos estilos criados pela indústria que a produz ao sistema que na verdade é o da incultura, ou mesmo de uma barbárie estilizada.

A frequência dos relatos de violência contra mulheres no âmbito do relacionamento afetivo evidencia um sistema de dominação que se revela de diferentes formas – tanto as mais escancaradas (como a violência física) quanto outras formas, mais sutis e difíceis de serem detectadas. Existem armadilhas discursivas nas quais somos por vezes capturados. O senso comum manifesta-se muitas vezes por meio de comportamentos e atitudes que propagam conceitos mal elaborados e que, em última análise, disseminam preconceitos.

É possível detectar discursos machistas elaborados por mulheres e homens o tempo todo, em ambientes diversos e na internet. Isto acontece devido a uma construção cultural de valores machistas. A naturalização da violência contra a mulher por parte do parceiro é evidenciada pela análise de dados do IPEA, que aponta em uma pesquisa que, espontaneamente, apenas 8% das mulheres admitem já terem sofrido violência por parte de seus parceiros, enquanto, por outro lado, somente 4% dos homens admitem já terem cometido violência contra suas parceiras – e já aqui percebe-se uma disparidade estatística. No entanto, quando se menciona “ameaçar, xingar, humilhar, controlar, impedir de sair ou de usar determinada roupa” (entre outras atitudes) como exemplo de atos violentos, 55% dos homens declararam terem cometido tais práticas e 66% das mulheres afirmaram terem sido alvos de ações destes tipos. Isto indica que a violência contra a mulher é bem maior do que a mídia tradicional e mesmo a alternativa (incluindo comunidades virtuais e redes sociais) veiculam.

Em todo o território nacional, os dados estatísticos e aqueles obtidos de instituições de acolhimento indicam a barbárie da violência contra a mulher no Brasil, sem levar em conta que o que aparece nestas estatísticas são apenas dos dados que são revelados e notificados. Sabemos que o que aparece é, na verdade, só a ponta de um imenso iceberg. Ou seja: o tamanho real desta problemática ainda reside no “fundo de um oceano” alimentado pela cultura do silêncio que prega que “em briga de marido e mulher; não se mete a colher”. Muitas vítimas passam despercebidas porque carregarem em si o ranço da cultura do silêncio.

Destacamos que este tipo de violência acontece todos os dias, nas diversas camadas sociais. No entanto, existe um outro silêncio que de certa forma é mais danoso e alimenta a cultura da invisibilidade de classes e categorias de vítimas noticiadas pelas mídias. O que propomos aqui é uma observação atenta e crítica da construção midiática das vítimas da violência machista – principalmente no caso extremo do feminicídio – que marcam as notícias e por consequência o imaginário popular. Observamos que os casos mais explorados pela mídia nacional são os de mulheres com padrão físico/estético dentro do que é valorizado e considerado como “ideal” pela indústria e pelo mercado, jovens e bonitas. Mais que isso: as próprias fotos selecionadas para as publicações midiáticas destacam, nas vítimas, os cabelos soltos e brilhantes (como os de propaganda de xampu), o sorriso com dentes saudáveis e bem tratados (lembrando propagandas de cremes dentais) e o uso de cosméticos (cujas indústrias estão entre os maiores anunciantes nestes veículos midiáticos).

Deste modo, os rostos das vítimas que permanecem continuamente expostos nas telas da televisão e nas imagens da mídia impressa apresentam o mesmo padrão dos modelos do comercial de creme dental ou do produto para tratamento da pele.

Por outro lado, não se traz visibilidade (na grande maioria dos casos, nem se menciona) para a mulher pobre, vestida de forma simples, que apanha cotidianamente de seu parceiro e que alimenta – diariamente e de modo dramático – as estatísticas de violência doméstica e, nos casos extremos, do feminicídio. Este tipo de crime acaba sendo apenas mais uma oportunidade para a exploração midiática da imagem da mulher bonita (tão vítima quanto qualquer outra) e que assim é mais uma vez objetificada pela indústria da notícia.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um mundo repleto de imagens e representações simbólicas que acelerou de forma absurda a capacidade de armazenamento e transmissão de informação. Neste universo das imagens, as fotografias funcionam como textos que podem transmitir mensagens explícitas, como também subliminares, bem como compor valores sociais. Neste contexto, o corpo da mulher é coisificado e qualificado como mercadoria, cuja valorização se dá na medida em que se aproxima de um padrão que é estabelecido *pela própria indústria cultural* (incluindo-se aqui os veículos midiáticos) como ideal. A partir deste esclarecimento, pode-se concluir que a realidade do feminicídio no Brasil é um fenômeno bem mais sério do que a mídia tende a mostrar, uma vez que nem todas as vítimas atendem necessariamente aos padrões impulsionadores do mercado de notícias. O que a mídia noticia é assim apenas a ponta de um terrível iceberg, cujas reais dimensões são ainda desconhecidas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Teoria da semicultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas: Papius, ano XVII, dez.1996, pp. 388-411.

AMORIM, A. F.; CARVALHO, A.; SANTOS, M. C.; SANTOS, D. C. A Face Machista do Impeachment: postura de revistas brasileiras perante o processo de destituição da presidenta Dilma Rousseff. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1163-1.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

ANDRÉ, Henrique. Bruno é recebido como estrela por fãs no primeiro treino no Boa. **Hoje em Dia**, 14/03/2017. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/esportes/bruno-%C3%A9-recebido-como-estrela-por-f%C3%A3s-no-primeiro-treino-no-boa-1.451797>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

G1. **Primo de Bruno diz que corpo de Eliza Samudio está perto de Confins**. 24/07/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/primo-de-bruno-diz-que-corpo-de-eliza-samudio-esta-perto-de-confins.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

GUIMARÃES, Katia. Mais de 40 anos após Ângela Diniz, Minas continua campeã em feminicídios. *Socialista Morena*, 12/12/2017. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/mais-de-40-anos-apos-morte-de-angela-diniz-minas-continua-campea-em-femicidios/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

JC ONLINE. **Justiça nega indenização à família de Eloá Cistina**. 20/12/2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2016/12/20/justica-nega-indenizacao-a-familia-de-eloa-cristina-264213.php>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

LIMA, Maíra. Caso Eliza Samudio: Macarrão diz que levou modelo para ser morta. *Bahia No Ar*, 25/04/2018. Disponível em: <<https://bahianoar.com/caso-eliza-samudio-macarrao-diz-que-levou-modelo-para-ser-morta/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MENICUCCI, Eleonora. O golpe é patriarcal, sexista, capitalista e midiático. *Le Monde Diplomatique*, 04/07/2016. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/o-golpe-e-patriarcal-sexista-capitalista-e-midiatico/>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

NASCIMENTO, Maria F. D. Ser mulher na idade média. *Textos de História* v.5, n.1, p.82-91 (1997). Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5807/4813>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

O GLOBO. **Dez crimes que chocaram o Rio de Janeiro** – Série relembra casos que mobilizaram a sociedade. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/dez-crimes-quechocaram-rio-de-janeiro-17845895>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

OGGIONI, Alessandra. Caso Eloá Pimentel. Último Segundo - iG, 13/02/2012. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-eloa-pimentel/n1597621952083.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

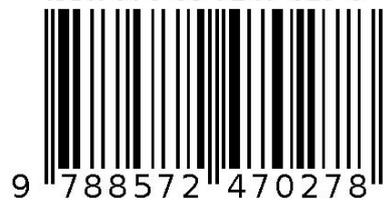
OLIVEIRA, Caroline. Só 11% dos assassinatos de mulheres foram registrados como feminicídios em 2016. *CartaCapital*, out/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cerca-de-5-mil-mulheres-foram-mortas-em-2016-mas-apenas-533-casos-foram-registrados-como-femicidios>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

RIBEIRO, Djamila. Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792. *CartaCapital*, abr/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

SERPONE, Fernando. Caso Mércia: Advogada foi morta em maio de 2010. Ex-namorado Mizael Bispo é acusado do crime. Último Segundo - iG, 02/06/2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/casomercia-nakashima/n1596994404110.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ÚLTIMO SEGUNDO - iG. **Justiça decide que júri do caso Mércia Nakashima será em março de 2013**. 05/12/2012. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2012-12-05/justica-decide-que-juri-do-caso-mercica-nakashima-sera-em-marco-de-2013.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-027-8



9 788572 470278